



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 07 – Ano IV – 05/2015
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Português do Brasil: uma abordagem do uso proclítico em textos jornalísticos brasileiros¹

Prof. Dr. Flavio Biasutti Valadares

Doutor em Língua Portuguesa/Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil

Pós-Doutorado em Letras/Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil - UPM-SP

Orientador de Iniciação Científica, IFSP/Campus São Paulo - Brasil

Docente do Instituto Federal de São Paulo, IFSP/Campus São Paulo - Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5302107511329665>

E-mail: flaviovaladares2@gmail.com / flaviusvaladares@ifsp.edu.br

Clara Regina Gonçalves da Silva

Graduanda em Letras Português do IFSP/Campus São Paulo

Orientanda de IC, IFSP/Campus São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/9669234782095187>

Resumo: O artigo aborda o uso de próclise em textos publicados pela revista *Época online*, em uma perspectiva teórica de abordagem do Português do Brasil. Objetiva mostrar os usos da colocação de pronomes átonos em textos jornalísticos, a fim de investigar a preferência proclítica; para tanto, ampara-se no conceito laboviano de mudança linguística e em pesquisadores brasileiros, como Azevedo, Leite, Lobo, Lucchesi, Mattos e Silva e Orlandi. Adota como metodologia a recolha de textos jornalísticos escritos, com o levantamento e a análise dos usos proclíticos em casos nos quais a prescrição gramatical prevê uso enclítico ou mesoclítico; conclui que o processo de brasileirização da língua portuguesa tem se comprovado por meio de pesquisas na área da linguagem, sendo o uso proclítico um desses resultados que indicam a constituição de um Português do Brasil, com características fonomorfossintáticas e semântico-pragmáticas próprias.

¹ Resultado do projeto de pesquisa – Iniciação Científica, do Programa de Pesquisa do IFSP/Campus São Paulo – *Descrição do Português na Mídia Brasileira: um estudo morfossintático, semântico e pragmático*, e do grupo de pesquisa, certificado CNPq, *Descrição do Português do Brasil*.

Palavras-chave: Mudança Linguística. Português do Brasil. Colocação de pronomes átonos.

Apresentação e discussões iniciais sobre o Português do Brasil

Azevedo (2009, p. 128) relata que, no Brasil, nas três últimas décadas do século passado, “a produção científica tem gerado trabalhos que mapeiam com certa precisão as tendências gerais de mudança e oferecem explicações que, embora situadas em diferentes quadros teóricos, refletem a trajetória da variação em todos os níveis da gramática do PB”.

Nesse sentido, a autora destaca que os primeiros estudos a refletirem sobre essa variação se organizaram em torno da constituição do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta, desenvolvido em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), formando uma base de dados, a fim de documentar e descrever o português urbano culto do Brasil, em termos de realizações fonológicas, morfológicas, sintáticas e vocabulares².

Dessa maneira, é fundamental compreendermos que a mudança linguística, em perspectiva laboviana, não pode ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, uma vez que pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, ou seja, a explicação da mudança linguística, em suas palavras, “parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística”. (LABOV, 2008, p. 19)

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 17) apresentam um esboço dos problemas para os quais uma teoria da mudança deve fornecer respostas:

- a) fatores condicionantes (mudanças e condicionantes possíveis); b) transição (os estágios intervenientes entre dois estados da língua); c) encaixamento (o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social); d) avaliação (os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua); e)

² Evidentemente, o projeto NURC, bem como outros projetos de estudo do Português do Brasil, tem importância e alcance científico sem precedentes; no entanto, não é nosso objetivo neste artigo tratar destes aspectos, mas sim, localizar o Português do Brasil para nosso leitor, enfocando nosso objeto de pesquisa, aqui, o uso de próclise como uma característica do Português do Brasil.

implementação (razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época). (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 17)

Lucchesi (2012) postula que,

ao tentar capturar o processo social da mudança linguística, o olhar do linguista (agora convertido em sociolinguista), desvia-se, não apenas do indivíduo para a coletividade, mas da *língua em si* para a forma como as pessoas falam a língua (o *comportamento linguístico*), mais precisamente para as diversas formas que a língua assume no meio social, pois essas diferenças observáveis constituem as manifestações aparentes dos processos subjacentes de mudança em curso na estrutura da língua. (LUCCHESI, 2012, p. 803)

Valadares (2014, p. 36) entende que “toda mudança linguística traz consequências cujos benefícios só são legitimados *a posteriori*, muitas vezes, impedindo que se tenha uma noção mais exata e relevante das inovações sofridas pela língua, que nunca pode ser considerada velha ou nova, mas em constante transformação”.

Como sugerem Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 124), pode haver uma mudança linguística “quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala”, ou seja, ao se inserir um novo conceito, a mudança poderia estar “encaixada na estrutura linguística” e gradualmente se generalizar de modo que o grupo social passe a utilizar um determinado termo importado. Assim, para explicar a mudança, é preciso dizer o que aconteceu (fatos) e por quê (princípios), como observam Coan e Freitag (2010, p. 178).

Nessa perspectiva, Auroux (1992) explica que a mudança é um processo tão natural das línguas vivas que, se não existir, a língua não será mais língua viva. Para Leite (2000, p. 135), “o uso leva a variações e estas às mudanças: língua viva = mudança constante, inovações, dinamismo; língua morta = conservação, paralisação, estatismo”. A autora também explicita alguns casos de gramaticalização, possivelmente reconhecidos por um gramático, listando-os em:

1. Flexão nominal – vimos consagrados os femininos mestra; senadora/senatriz, indiferentemente para a mulher do senador ou para quem exerce o cargo de Senador.

2. Pronominalização – emprego da expressão substantiva *a gente* como pronome de terceira pessoa do singular, ao lado de *nós* da primeira pessoa do plural.
3. Troca do emprego de forma pronominal oblíqua tônica por forma reta – emprego do pronome pessoal reto *eu* com a preposição *entre*, em vez do pronome oblíquo *mim*.
4. Eliminação do agente da passiva em estrutura em que o verbo esteja na voz passiva.
5. Emprego da estrutura *ter/haver + que*.
6. Diferenciação semântica das estruturas infinitivo + infinitivo (valor de precisão de algo) e infinitivo + *de* + infinitivo (probabilidade de algo).
7. Aceitação da preposição *em* em estruturas do tipo substantivo + *em* + substantivo (Ex. General *em* chefe).
8. Aceitação da preposição *como* introduzindo o predicativo do objeto direto.
9. Aceitação da locução conjuntiva *desde que* com valor causal.
10. Reconhecimento de locuções conjuntivas com *que*: enquanto *que*, apenas *que*, embora *que*, mal *que* etc.
11. Reconhecimento da indeterminação do sujeito em textos com verbos transitivos diretos na voz passiva (Vende-se casas). (LEITE, 2000, p. 153)

Além disso, outro aspecto a ser considerado refere-se à gramatização que, conforme Auroux (1992, p. 65), “é o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. E acrescenta “podemos, todavia, nos entender sobre o que significa para uma língua ‘ser gramatizada’. É quando podemos falá-la (ou lê-la), em outras palavras, aprendê-la (em sentido suficientemente restrito), com a ajuda apenas dos instrumentos linguísticos disponíveis”. Na visão de Trujillo (2010, p. 16), “a gramatização representa um ponto alto no desenvolvimento da civilização humana por permitir a estabilização do principal instrumento de comunicação e produção cultural utilizado pelo homem que é a língua nas suas expressões oral e escrita”.

Considerado isso, em nossa pesquisa, analisamos os pronomes oblíquos átonos, a fim de investigar mudanças provocadas pela força da realidade falada da língua no Brasil, ou seja, partimos do pressuposto de que nosso *corpus*, textos jornalísticos publicados na revista **Época online**, com a seleção de textos publicados por 5 jornalistas nos meses de agosto e setembro de 2014, é uma forma profícua de mostrar mudanças na utilização dos pronomes oblíquos átonos, com a preferência

pela próclise, já verificada na oralidade no Português do Brasil (Cf. MATTOSO CÂMARA JR, 1985; VIEIRA, 2005).

Para tanto, traçamos a metodologia com base na seleção de textos publicados na revista **Época online**, uma vez que o espaço jornalístico é, historicamente, representativo da sociedade brasileira, além de ecoar os usos contemporâneos da língua, o que justifica a ideia laboviana de comunidade linguística; com isso, pretendemos mostrar a dinâmica do suporte digital e, simultaneamente, não perder o foco da pesquisa em relação ao *corpus*, isto é, levantamento dos usos proclíticos em casos nos quais a prescrição gramatical prevê uso enclítico ou mesoclítico, bem como a recolha de textos jornalísticos escritos, para a análise dos períodos oracionais em que se utilizou pronome oblíquo átono.

Aqui, é importante explicitarmos que, historicamente, como indicia Orlandi (2005), é a partir do Romantismo brasileiro, mais intensamente, que figura a questão de como nomear nosso idioma. A autora explica que, de um lado, o Visconde de Pedra Branca, Varnhagen, Paranhos da Silva e os românticos, como Gonçalves Dias e José de Alencar, se alinhavam entre os que defendiam a autonomia, propugnando pela língua brasileira; de outro, Orlandi sentencia que os gramáticos e eruditos consideravam que só se poderia falar a língua portuguesa, considerando o restante apenas brasileirismos, tupinismos.

Já no século XX, na década de 1930, a autora relata que ocorre uma discussão na Câmara do Distrito Federal sobre o nome da língua do Brasil: língua portuguesa ou brasileira? A decisão fica a de que falamos a língua nacional. Em 1946, como explicita Orlandi, uma comissão encarregada pelo governo brasileiro, em atendimento ao estabelecido pela Constituição de 1946, decide que o nome da língua falada no Brasil é língua portuguesa.

Lobo (2005, p. 86) confirma que as diferenças na forma de colocação dos pronomes átonos no Português do Brasil e no Europeu “começam a ser apontadas no século XIX, sendo notadas com mais clareza, pela primeira vez, na literatura brasileira, na escola literária do Romantismo, quando se passa a buscar um veículo de expressão que se elabore em moldes distintos dos estabelecidos pelos cânones literários portugueses”.

Nosso artigo, então, visa a investigar os usos proclíticos em textos escritos brasileiros, cuja análise se baseia na recolha de textos jornalísticos com o objetivo

de mostrar tal uso como característico do Português do Brasil. Assim, nossa hipótese é a de que a próclise é uma preferência no Português do Brasil, sendo o uso na língua escrita a prova disso.

Por fim, organizamos o texto com uma apresentação teórico-conceitual sobre o Português do Brasil e a gramatização; em seguida, citamos trabalhos já realizados sobre o uso de pronome oblíquo no Português do Brasil e procedemos à análise dos dados coletados.

A próclise como processo de gramaticalização no Português do Brasil

Azevedo (2009, p. 135) salienta que, a partir dos estudos sobre o Português do Brasil, “a visão que se tem do PB hoje não pode mais se deixar influenciar nem por ímpetos impressionistas nem por argumentos aparentemente científicos, já que o conjunto dessas investigações revela com alguma segurança os limites e as confluências entre as duas variedades de português”.

Nesse sentido, antes de discutirmos nossos dados, apresentamos um estudo da professora Tânia Lobo (1992) – *A colocação dos clíticos em português: duas sincronias em confronto*, no qual ela trabalha com o século XVI e o português brasileiro do século XX e, para este, utiliza os dados do *corpus compartilhado* do Projeto NURC, em confronto com as regras de importantes gramáticas prescritivas³ em uso no Brasil (CEGALLA, BECHARA, CUNHA E CINTRA, ROCHA LIMA). Nesse trabalho, conforme Mattos e Silva (2001, p. 26), “arrola as prescrições para a colocação pós-verbal, a enclítica, e as prescrições para a colocação pré-verbal, a proclítica”. Lobo confronta “as regras prescritas e os usos reais, depreendidos do NURC, encontrou os seguintes resultados globais quanto à

³ BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 27ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 20ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROCHA LIMA, C. Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

obediência/desobediência dos ‘falares cultos’ em relação ao prescrito pelos gramáticos”:

Colocação dos clíticos em português: obediência/desobediência dos “falares cultos” em relação ao prescrito pelos gramáticos

Obediência à prescrição gramatical	Prescrição gramatical			
	Colocação pré-verbal		Colocação pós-verbal	
SIM	330	98%	60	33%
NÃO	8	2%	120	67%

Fonte: LOBO, 1992, p. 187.

De acordo com Lobo,

a colocação pré-verbal do clítico é de 90% – obediência quase categórica –, a desobediência às prescrições indicadoras da colocação pós-verbal – ou seja, a utilização da colocação pré-verbal em contextos em que a língua padrão prevê a ocorrência da colocação pós-verbal – atinge o expressivo índice de 67%. A relação entre esses dois resultados faz-nos, por conseguinte, interpretar os 98% de ocorrências da colocação pré-verbal nos contextos em que as gramáticas normativas o indicam não como reflexo da obediência dos falantes à prescrição gramatical, mas tão somente como produto da convergência entre a regra prescrita e o comportamento habitual dos falantes analisados, que é o de antepor o clítico ao verbo na maioria quase absoluta dos contextos observados.” (LOBO, 1992, p. 188-189)

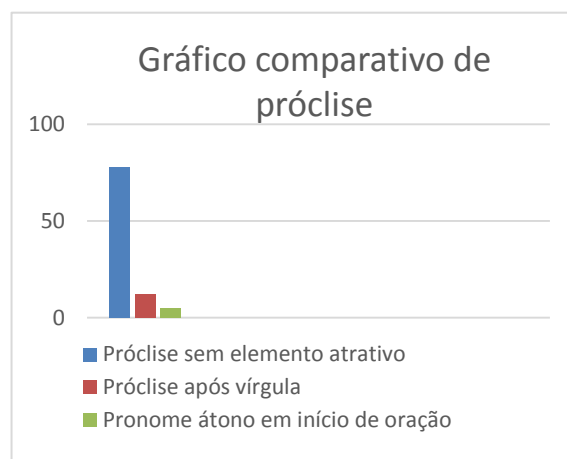
Mattos e Silva (2001, p. 27) ratifica os dados de que “o exemplo aqui destacado funciona como uma ilustração de um tipo de fato sintático em que há discrepância entre o padrão prescritivo e os ‘usos formais cultos’, o português culto, podendo servir como indicador de diferenças entre o português padrão idealizado e o português culto em uso no Brasil”. Nunes (1993) considera que a mudança na ordem dos clíticos, o desaparecimento do clítico acusativo de terceira pessoa e a emergência de objeto nulo/pronome tônico no preenchimento da função sintática de objeto direto são três mudanças sintáticas inter-relacionadas.

Nesse sentido, citamos seu trabalho com o intuito de mostrar que o uso proclítico não se configura isoladamente, mas faz parte de um processo morfossintático. O autor também defende que, no século XIX, no Brasil, uma mudança de natureza fonológica – a mudança na direção da cliticização fonológica – seria a explicação para a mudança que se operou na sintaxe dos clíticos. Nunes explica que, enquanto no português antigo e no português europeu contemporâneo, a direção da cliticização fonológica seria da direita para a esquerda, sendo os clíticos sempre enclíticos fonologicamente; no português brasileiro, teria havido uma mudança na direção da cliticização fonológica, que passou a ser da esquerda para a direita, tornando os clíticos sempre proclíticos.

Com base nesse recorte da pesquisa de Lobo (1992) e nos apontamentos de Nunes (1993), explicitamos que nossa pesquisa dividiu-se em 3 etapas: a primeira procedeu ao levantamento de conceitos teóricos de pesquisadores e linguistas para a formulação das análises, partindo da constatação da variabilidade dos usos da língua portuguesa do Brasil, sobretudo na camada culta da sociedade. Concomitantemente, foram estudadas as regras de colocação pronominal previstas nas gramáticas mais tradicionais e de maior alcance nos ambientes de ensino.

Num segundo momento, houve o levantamento e a tabulação da estrutura selecionada – próclise – no *corpus* de pesquisa, elaborada a partir da leitura das matérias da revista **Época online**, seção Colunas & Blogs. Com essas leituras e o aporte teórico-gramatical, fizemos as respectivas contraposições, paralelos, em relação ao padrão culto da língua (estudado e pesquisado na fundamentação teórica). Na 3ª etapa da pesquisa, nos dedicamos à análise e interpretação dos dados obtidos sob o viés da mudança linguística no Português do Brasil, com foco no uso dos pronomes oblíquos e sua colocação no período oracional, bem como suas implicações semânticas, morfossintáticas e pragmáticas.

Em nossa análise, conforme o *corpus* selecionado, verificamos que a colocação pronominal nos textos da revista **Época online** tem refletido o modo como o brasileiro vem modificando os seus usos pronominais



se comparados aos previstos e recomendados pelas gramáticas normativas, aqui utilizadas⁴ – Luft (2002) e Rocha Lima (1992).

O gráfico mostra a relação comparativa entre a ocorrência de próclise, considerada como desvio da regra gramático-normativa, segundo a gramática prescreve. Nos 3 tipos de ocorrências mostradas no gráfico, o uso não é o previsto na gramática normativa, ou seja, em nosso *corpus* são os tipos que caracterizam a preferência pelo uso proclítico no Português do Brasil, sendo agregados aos usos de próclise já prescritos na Gramática Tradicional.

Dessa maneira, a maior parte dos casos abarcados por essa pesquisa contraria o que os gramáticos utilizados como base colocam como parâmetro de regra de colocação de próclise – Luft e Rocha Lima – em seus compêndios. Luft (2002), por exemplo, indica que, quando não é caso de próclise obrigatória, a ênclise é considerada a colocação normal da língua. Em nossos dados, os colonistas da revista, todos brasileiros, deixam bem marcada a preferência por próclise no lugar em que a ênclise, caso a norma prescritiva fosse observada, deveria ser utilizada.

Um exemplo refere-se ao uso de próclise sem atrativo, como em “Meus pais se mudaram quando eu tinha 3 anos de idade.” (ÉPOCA, 27/08/2014), em que a preferência proclítica se explica pela consideração teórica de Nunes (1993) e Lobo (1992); outro exemplo se refere à colocação de pronome átono após vírgula numa oração⁵, situação em que a gramática normativa prevê um tipo de uso enclítico, mas que em nossos dados a ocorrência é a proclítica, comprovando nossa tese de que a preferência se mantém também nesse caso. No trecho, “Por lá, se paga mais caro por trufas...” (ÉPOCA, 22/09/2014), constatamos tal ocorrência. Mais um uso tipicamente enclítico, de acordo com a norma prescritiva, é o de não se iniciar oração com pronome oblíquo. Nas colunas que compuseram o *corpus* de pesquisa, exemplificamos com “Me entristece sonhar em morar fora...” (ÉPOCA, 15/09/2014).

⁴ Vários outros gramáticos tradicionais brasileiros poderiam ter sido utilizados, como por exemplo, Napoleão Mendes de Almeida, Domingos Paschoal Cegalla e Celso Cunha; contudo, a escolha de Luft e de Rocha Lima se deu por considerarmos seu caráter conservador e de evidência em contextos de ensino, obras de referência e estudos gramaticais.

⁵ Aqui, diferenciamos o uso em início de parágrafo do uso em início de oração, por considerarmos questões distintas na seleção do uso que o brasileiro faz, uma vez que nem sempre se relaciona início de oração em períodos compostos como efetivamente início de oração, ou seja, ainda que erroneamente, muitos brasileiros consideram início de oração aquela oração que se inicia com o parágrafo.

Assim, após uma apresentação preliminar de nossos dados, passamos ao quadro com as ocorrências selecionadas da revista **Época online**.

QUADRO – CASOS TÍPICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO – OCORRÊNCIAS SELECIONADAS DA REVISTA ÉPOCA

A – PRÓCLISE SEM PALAVRA ATRATIVA

“... o veterinário se baseia ...”	21/08/2014
“Ver pais se perderem de si mesmos...”	21/08/2014
“... um dos dois se cansa dos resmungos...”	27/08/2014
“... ou se escolhe ficar com o rosto igual...ou se faz plástica”	27/08/2014
“... Oscar me prova que não há solução.”	27/08/2014
“Meus pais se mudaram quando eu tinha 3 anos de idade.”	27/08/2014
“... Bernardinho se transformara numa campeã de suicídios.”	27/08/2014
“Os anos se passaram ...”	27/08/2014
“... fiz uma piada interna e me esqueci do óbvio...”	02/09/2014
“O público se dividiu .”	02/09/2014
“... Pollan se destaca pelo ativismo.”	02/09/2014
“seus ídolos do esporte se aposentam .”	02/09/2014
“A configuração se repete em outros sites.”	02/09/2014
“Leitores e funcionários se cumprimentavam silenciosamente.”	02/09/2014
“... a primeira opção me parece mais saudável...”	02/09/2014
“... autores se dedicarem a divulgar seus livros...”	02/09/2014
“... mais jovens se interessarão ...”	02/09/2014
“Os livros se tornariam muito mais...”	02/09/2014
“O porteiro me olha assustado.”	14/09/2014
“... chama os pobres de ‘os desdentados’ e se sente orgulhoso...”	14/09/2014
“Moral e ética se confundem ...”	15/09/2014
“... o marido me deu de presente um curso de meditação...”	15/09/2014
“...mudei o foco do olhar e da mente e me dei conta...”	15/09/2014
“... e me desconectar não só da sua aparência...”	15/09/2014
“... coisas em excesso nos aprisionam ...”	22/09/2014
“... gostamos e nos dão satisfação...”	22/09/2014
“... limpar nos mantêm atentos...”	22/09/2014
“... ou me distraía em relação ao ponto...”	22/09/2014
“... ou nos mandam tomar vergonha na cara...”	22/09/2014
“... perder peso é se permitir o prazer...”	22/09/2014
“... folhas e vegetais me mantinham na linha.”	22/09/2014
“... o fogão em causa própria se tornou um tipo...”	22/09/2014
“Essa mudança me permitiu voltar aos pequenos...”	22/09/2014

B – PRÓCLISE APÓS VÍRGULA EM PERÍODOS COMPOSTOS

“... flácido e barrigudinho, se corroe de ciúmes.”	27/08/2014
“... ao visitar uma tia-avó, me surpreendi ao constatar...”	27/08/2014
“... em vez de lermos em silêncio, me faz pensar nos milhares...”	02/09/2014
“... meu jeito, me tornam única.”	15/09/2014

“... mês e meio, me senti frequentemente fraca...”	15/09/2014
“... muita gente, me sinto melhor quando vejo...”	22/09/2014
“Por lá, se paga mais caro por trufas...”	22/09/2014
“... pilhas de blusas, me esqueço das que me caíam melhor.”	22/09/2014
“... dos blogueiros, nos tornamos aptos a usar...”	22/09/2014
“... devidamente alimentadas, me contavam as novidades daquele dia...”	22/09/2014
“Às vezes, me lembrava , no meio do dia...”	22/09/2014
“... semana (e ao quando dava), me deu boa parte da satisfação...”	22/09/2014

C – PRÓCLISE EM INÍCIO DE ORAÇÃO

“ Me chateiam um bocado as críticas...”	15/09/2014
“ Me sinto capaz de viver...”	15/09/2014
“ Me pergunto como assim depois de tudo?”	15/09/2014
“ Se negam a pagar decentemente...”	15/09/2014
“ Me entristece sonhar em morar fora...”	15/09/2014

O *corpus* selecionado contou com a recolha de textos publicados na revista **Época online**, como frisado ao longo do artigo. A partir da seleção dos artigos de 5 colunistas – Danilo Venticinque, Fernanda Fragata, Flavia Yuri Oshima, Ruth de Aquino e Walcyr Carrasco –, foram retirados os trechos nos quais havia o uso proclítico em situações não previstas na gramática normativa de língua portuguesa, o que conferiu a possibilidade de analisar os seus usos dos jornalistas selecionados.

É importante, também, esclarecermos que a opção pelo suporte digital não invalida a perspectiva de língua escrita no sentido de que ela cristaliza inovações na língua e, simultaneamente, o alcance deste tipo de publicação é bem mais abrangente e atinge muito mais pessoas que o tradicional impresso.

A partir disso, foi possível levantar os casos de usos de próclise sem palavra atrativa, usos proclíticos após vírgula em períodos compostos e o caso em que se inicia parágrafo de textual com o pronome oblíquo, sendo este o que menos apresentou ocorrências, tendo sido localizado seu uso, em nosso *corpus*, apenas na coluna da jornalista Ruth de Aquino.

Nessa perspectiva, confirmamos, com base em nosso *corpus*, que tal mudança no uso padrão dos brasileiros justifica a tese de que o português brasileiro configura-se de uma maneira diferente da maneira do português europeu, descrito nas gramáticas tradicionais. Constatada a mudança, em nossos dados, isso se

coaduna com o estudo que apresentamos de Lobo (1992) e com as indicações apontadas por Nunes (1993), por exemplo. Além disso, com esta pesquisa e os estudos linguísticos mais recentes do Português do Brasil, constatamos que o brasileiro se utiliza de uma colocação pronominal proclítica, que não está prescrita na gramática tradicional de língua portuguesa, o que nossos dados apontam.

Como observamos nos Quadros A, B e C, a adoção de usos proclíticos é provada, historicamente, inclusive, como um uso típico do Português do Brasil. Desse modo, a preferência proclítica tem sido utilizada em textos escritos, conforme apresentamos em nossa pesquisa, indicando uma mudança linguística, visto que a escrita jornalística, como ratifica Bagno⁶,

é, sim, uma excelente fonte para a pesquisa linguística do português brasileiro culto urbano escrito. [...] Quando inovações linguísticas se cristalizam na escrita culta, é porque já se incorporaram definitivamente à gramática da língua, uma vez que a língua escrita culta, como é bem sabido, é mais conservadora e leva mais tempo para absorver as variantes inovadoras, que se manifestam primeiramente na língua falada. (BAGNO, 2001).

Conclusão

Nosso artigo analisou o uso proclítico no Português do Brasil, com o objetivo de comprovar tal preferência pelo falante/usuário da língua portuguesa no Brasil, independentemente da prescrição normativa encontrada nas gramáticas brasileiras de língua portuguesa, o que, em nossa visão, ratifica o aspecto de mudança linguística identificada por meio dos usos levantados, uma vez que se tratou de *corpus* de língua escrita.

Nesse sentido, comprovamos, como assinalam Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 17), que há fatores condicionantes (mudanças e condicionantes possíveis), observados, nesta pesquisa, como posição alterada que não muda a composição morfossintática, ou seja, a função dêitica permanece; transição (os estágios intervenientes entre dois estados da língua), que pode ser atestada pelas pesquisas

⁶ Trecho retirado do texto *A dupla personalidade linguística da mídia impressa: discurso prescritivista versus prática não-normativa*. Seminário “Mídia, Educação e Leitura” do 13º Congresso de Leitura do Brasil — COLE. Campinas, 19 de julho de 2001. www.marcosbagno.com.br Acesso em 13.ou.2010.

realizadas que indicam o uso no Português Europeu e a adoção no Português do Brasil da próclise.

Além disso, o encaixamento (o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social), ao considerarmos que outros fatos sintáticos, como topicalização e o sujeito nulo, abonam este entrelaçamento; a avaliação (os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua), visto que a mudança é um processo tão natural das línguas vivas que, se não existir, a língua não será mais língua viva (AUROUX, 1992); e a implementação (razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época) a partir da frequência de uso, o que se comprova pelos estudos já realizados (LOBO, 1992; NUNES, 1993) e se ratifica neste.

Assim, nos amparando em resultados da pesquisa de Lobo (2005, p. 87), que comprovou ter havido no português vernáculo brasileiro uma mudança radicalmente qualitativa, visto que, enquanto no século XVI, o clítico ocupava uma posição pré ou pós-verbal a partir de contextos sintáticos muito claramente definidos; no português vernáculo brasileiro, atualmente, os contextos sintáticos foram sobrepujados, generalizando-se, segundo a autora, a anteposição do clítico ao verbo em qualquer situação, chegamos à confirmação, via *corpus* pesquisado, de que o uso proclítico no Português do Brasil, de fato, caracteriza uma mudança em relação ao Português Europeu.

Por fim, ainda que não tenha sido o escopo teórico desta pesquisa, mas percebendo que a questão permeia outras teorias, citamos Orlandi (2005), no sentido de encerrarmos este trabalho e abriremos possibilidades para outros, uma vez que nos parece muito importante entender como se dá, cientificamente, o processo de brasileirização da língua portuguesa. A autora explicita que falamos a mesma língua, mas falamos diferente, isto é, há uma heterogeneidade linguística, calcada em um diferente histórico que o constitui ainda que na aparência de uma espécie de mesmo.

Orlandi também assevera que o Português do Brasil e o “português português” aparentam ser uma mesma língua, mas não são, visto que produzem discursos distintos, significam diferentemente. Ela finaliza atestando que, ao se falar o português, o brasileiro está sempre nesse ponto de “disjunção obrigada”, ou seja, o efeito de homogeneidade é o efeito produzido pela história da colonização.

Referências

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1992.

AZEVEDO, F. O. A. O português do Brasil: revisitando a história. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, n. 39, p. 119-137, 2009.

CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4a ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

COAN, M. e FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Domínios da Linguagem*, Volume 4, nº 2 – 2º Semestre 2010. p. 173-194.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE, M. Q. A influência da língua falada na gramática tradicional. In PRETI, D. (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/ USP, 2000. p. 129-155.

LOBO, T. *A colocação dos clíticos: duas sincronias em confronto*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado, 1992.

LOBO, T. C. F. Sintaxe dos clíticos: o século XVI, o século XX e a constituição da norma padrão. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO Fº, A. V. L. (orgs). *O Português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2002 [2005].

LUCCHESI, D. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41(2): p. 793-805, maio-ago 2012.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 2002.

MATTOS E SILVA, R. V. Da sócio-história do português brasileiro para o ensino do português no Brasil hoje. *Revista da Faeeba*, Salvador, nº 15, p. 23-35, jan./jun., 2001.

NUNES, J. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, I. e KATO, M. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1993. p. 185-206.

ORLANDI, E. P. A língua brasileira. *Ciência e Cultura*. vol. 57, n. 2, São Paulo, abr-jun., 2005. Versão *online*.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

TRUJILLO, A. M. A gramatização como processo de preservação da Linguagem. *Palimpsesto*. n. 11, ano 9. *Dossiê* (1). p. 1-18, 2010.

VALADARES, F. B. *Uso de estrangeirismos no Português Brasileiro: variação e mudança linguística*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUCSP, São Paulo, 2014. 190p.

VIEIRA, S. R. O parâmetro da cliticização fonológica e os pronomes átonos no Português do Brasil e no Português Europeu. *Revista Estudos Linguísticos XXXIV*, p. 1003-1008, 2005.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

www.epoca.globo.com/colunas-e-blogs. Colunistas: Danilo Venticinquê, Fernanda Fragata, Flavia Yuri Oshima, Ruth de Aquino e Walcyrr Carrasco.

Texto científico recebido em: 11/01/2015

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/05/2015

Revista Científica Vozes dos Vales - Ufvjm - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

Ufvjm: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.